

Mia couto: a trajetória literária de um escritor entre fronteiras

Rebeca Bulcão da Silva¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória literária do escritor moçambicano Mia Couto, bem como apresentar como ocorre a inserção e a repercussão do escritor na literatura, incluindo sua consagração internacional, com inúmeras obras traduzidas em diferentes países e a conquista de vários prêmios. Sua escrita é marcada pela sensibilidade, com o uso de uma linguagem poética e acessível, colaborando para que suas obras se popularizem e atraiam mais leitores. Além disso, aborda diversas questões com uma mistura de variadas temáticas que ultrapassam as problemáticas identitárias e culturais de um país. Para compreender a produção literária do autor, torna-se relevante conhecer tanto os dados biográficos quanto o local de onde narra suas histórias. Para isso, traça-se um histórico da vida e da obra, abordando suas principais características, em especial, com os estudiosos Pires Laranjeira, José Luis Cabaço, Patrick Chabal e Francisco Noa.

PALAVRAS-CHAVE: Moçambique; Mia Couto; trajetória literária.

¹ Doutoranda em Letras/Literatura - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: rebulcao@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, percebe-se que as literaturas de língua portuguesa pós-coloniais ganharam destaque e ampliaram no Brasil e em outros países a diversidade de autores africanos. A partir das últimas décadas, foi possível verificar que a ficção trouxe diferentes questões que envolvem aspectos relevantes no campo histórico, político, social e cultural, aproximando-se mais ainda de países que também passaram pelo processo de colonização. Esses fatores podem ser observados na literatura moçambicana, que tem seu expoente maior no escritor Mia Couto.

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória literária Mia Couto, bem como apresentar como ocorre a inserção e a repercussão do escritor na literatura, incluindo sua consagração internacional, com inúmeras obras traduzidas em diferentes países e a conquista de vários prêmios. Sua escrita é marcada pela sensibilidade, com o uso de uma linguagem poética e acessível, colaborando para que suas obras popularizem-se e atraiam mais leitores. Além disso, aborda diversas questões presentes nas obras com variadas temáticas que ultrapassam as problemáticas identitárias e culturais de um país.

Para compreender a produção literária do autor, é interessante conhecer tanto os dados biográficos quanto o local de sua origem e de onde narra suas histórias. Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade de Beira, região central de Moçambique, filho de imigrantes portugueses. O pseudônimo literário adotado relaciona-se com o seu afeto pelos gatos na infância. Num primeiro momento, causa estranhamento por ser um escritor africano e não ser negro, em outros, por ter um apelido que remete ao sexo feminino e ser homem. O estudioso Laranjeira (2012) reforça essa construção do imaginário relacionado ao nome e ao estilo durante o período em que as pessoas desconheciam o autor:

Quando estava no início do seu percurso de escritor, e as pessoas não o conheciam, nem sequer por fotografia, Mia Couto chegou a ser tomado como “uma escritora negra”... Porque o nome – Mia – parece feminino e o seu estilo, marcadamente moçambicano no discurso e no imaginário, e pleno de sensibilidade e graciosidade, levava os leitores a pensarem que só uma mulher, e negra, poderia apresentar tal obra (LARANJEIRA, 2012, p. 57).

Mesmo quando ocorriam os equívocos, o autor não se importava com essas representações construídas pelo imaginário. Numa de suas entrevistas, ele relata que “[...] Eu, lá fora, sou sempre esperado como preto ou como mulher. [...] Essas questões de identidade me divertem muito, quer seja do sexo, quer seja da raça. Eu não tenho raça. Minha raça sou eu mesmo” (COUTO, 2007, p.3).

Antes de 1975, Moçambique ainda era colônia de Portugal e, embora houvesse uma política de assimilação, convivia-se com a discriminação racial. Furquim (2018) ressalta que o autor, sendo branco descendente de portugueses, vivenciava essa segmentação entre brancos e negros e percebia

a diferenciação presente na estrutura social da população. Essa situação fez com que se definisse como um ser de fronteira que vivia entre dois mundos, sendo que “na rua começava a África, em casa estava a Europa” (CHABAL, 1994, p. 276).

Ao mesmo tempo em que afirma o espaço africano como seu lugar de pertença e de suas raízes, Mia Couto também se distancia pela sua condição, marcada pela diferença, um homem urbano, intelectual e com vivência de um mundo exterior. Então, assume-se como “um ser de fronteira”, “escritor africano, branco e de língua portuguesa”. Isso pode ser verificado na sua escrita, em que o autor procura abarcar os diversos universos presentes num mesmo país, tanto a diversidade étnica quanto os diversos sujeitos culturais e sociais. Nessa intervenção, Mia Couto revela que a condição de ser de fronteira exigia que a escrita também englobasse esses mundos tão distintos:

O meu país tem países diversos dentro, profundamente dividido entre universos culturais e sociais variados. Sou moçambicano, filho de portugueses, vivi o sistema colonial, combati pela independência, vivi mudanças radicais do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Nasci num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que ainda está nascendo. Essa condição de um ser de fronteira marcou-me para sempre. As duas partes de mim exigiam um médium, um tradutor. A poesia veio em meu socorro para criar essa ponte entre dois mundos distantes (COUTO, 2011, p. 116).

Nesses universos tão distintos, observa-se que a poesia surgiu como um alento para compreender o mundo em que vivia e a si próprio. Durante a luta pela independência em Moçambique, passa a exercer o jornalismo, escrevendo para jornais locais. Em 1983, publica o primeiro livro de poesia, que marca a sua estreia literária. Posteriormente, dando prosseguimento a sua trajetória, começa a escrever e publicar livros de contos, crônicas e romances.

2. INÍCIO DA TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Com o pai Fernando Couto, jornalista e poeta, combatente do regime ditatorial salazarista nas colônias africanas, Mia Couto cresceu na convivência com a palavra escrita, influenciado pela leitura de livros que o pai adquiria e pelo contato com a oralidade quando as mulheres da família se reuniam para contar histórias. Influenciado pelo pai, começou a escrever e aos 14 anos publicou os primeiros poemas no *Notícias da Beira*, jornal da época. Viveu na Beira até 1972 e, ainda jovem, mudou-se para a capital para estudar Medicina. Assim como outros jovens intelectuais moçambicanos, militou politicamente no processo de independência do país e abandonou os estudos para se dedicar ao jornalismo.

Em meio ao contexto político e frente ao seu engajamento, Mia Couto resolveu se envolver com as questões da luta pela independência nacional. Braúna (2011) relata que essa geração via nesse momento histórico uma

possibilidade de construção de uma sociedade alicerçada por novos ideais e novos pensamentos. Mais tarde, esses momentos aparecerão, explícita ou implicitamente, na literatura, assim como o período pós-colonial. Em 1974, Mia Couto passou a atuar como jornalista e, posteriormente, aproximou-se da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o movimento nacionalista revolucionário. Desempenhou o mesmo cargo, pois o papel dos brancos era restrito às difusões de pensamentos teóricos e propagação de ideias, visto que não podiam participar da luta armada.

Após a independência, em 1975, e a tomada do poder pela FRELIMO, foi diretor da *Agência de Informação de Moçambique*, entre 1976 e 1979, de 1979 a 1981 trabalhou na revista *Tempo*, e, até 1985 no *Jornal de Notícias*. E, em meio a sua atuação, na trajetória acadêmica, troca o curso de Medicina pelo o de Biologia. Impelido pelo desejo de mudança, percebe, posteriormente, a não concretização dos objetivos esperados. Mia Couto comenta sobre sua carreira como jornalista:

Durante esse período eu consegui fazer um jornalismo engajado, a serviço da revolução, e isso eu fiz com grande dedicação. Hoje reconheço que havia muita coisa que não faria novamente, mas essa foi uma entrega de alma num período muito ético da história do nosso país, quando estávamos reconstruindo uma nação embriagados por uma causa. Depois houve um divórcio entre aquilo que era prática e o discurso, e pedi para sair do governo (COUTO *apud* BRAUNA, 2011, p.11).

Conforme Cabaço (2013), após a independência nacional, a literatura moçambicana passa por um momento de embate. De um lado, a literatura comprometida politicamente e de outro, a insurgência de projetos estéticos desenvolvidos nas zonas urbanas. Num primeiro momento, a literatura de combate e engajada continuou, mas aos poucos, porém foi sendo substituída. Algumas obras que tinham sido censuradas durante o colonialismo e outras que foram pouco divulgadas ou escritores não puderam publicá-las na época foram reeditadas, apesar de não seguir nenhum critério definido. Diante desse cenário, como um jornalista já conceituado, Mia Couto publicou, em 1983, o primeiro livro de poemas, *Raiz de orvalho*, pela editora Caminho, marcando sua estreia literária. Como já era previsto, a obra suscitou críticas, mas foi possível revelar o autor, em meio a tantas mudanças também no cenário literário:

A obra foi objeto de uma crítica mais ou menos velada por parte de alguns setores do poder instituído: em época de exaltação do coletivo, num período histórico de empenho altruísta de cada um nas tarefas globais da reconstrução nacional, o poeta toma corajosamente posição, apresentando uma visão dessa epopeia que partia do individual, das angústias e dúvidas do singular, da busca pessoal das novas identidades que suscitava o ser cidadão de uma pátria independente (CABAÇO, 2013, p. 215).

Laranjeira (2012) afirma que quando Mia Couto publicou o livro de contos *Vozes anoitecidas* (1986), começou a se tornar conhecido e foi requisitado para comentar a obra na África, Europa e América do Sul.

Novamente, a obra foi alvo de críticas mais duras, pois se afastava da proposta literária esperada pelos intelectuais de um país recém independente. Tal fato, porém, garantiu ao escritor certa visibilidade e notoriedade:

Ao publicar *Vozes anoitecidas*, o escritor chamou a si todas as atenções, provocando, sem o desejar, uma intensa polémica em Moçambique, ao ser criticado por criar um discurso com que pretendia retratar os comportamentos do *common people*, mas que, dizia-se, falhava por artificialismo. Por um lado, não lhe reconheciam legitimidade, talvez por ser branco, para criar algo que representasse as vivências e a imaginação populares. Mas também porque, de facto, se atrevia a romper com o *realismo guerrilheiro e patriótico* vigente naquela época de pós-independência (LARANJEIRA, 2012, p. 58).

Nesse período, Mia Couto foi criticado por ter se desvinculado da literatura predominantemente panfletária e ideológica que havia se instaurado antes da independência. Para alguns autores, não havia mais necessidade de uma literatura política ou, conforme ressalta Noa (2017), de textos alicerçados em padrões estéticos europeus que se reproduziam na época colonial. Segundo Rezende (2012), a polémica dos autores da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) se devia ao fato de como o autor escreveria sobre o universo rural moçambicano se era algo que ele não havia vivido. Mia Couto traça então sua condução literária a partir da renovação estética e originalidade, produzindo uma coletânea de contos que fugiriam às condições pré-estabelecidas. O surgimento do autor nesse panorama literário moçambicano, de acordo com Cabaço (2013, p. 216-217), “situa-o como um escritor que, de origem cultural europeia, se incorpora com desenvoltura e rara sensibilidade nas cosmogonias moçambicanas, procurando com afinco respostas para novas dinâmicas e angústias identitárias suscitadas pela independência.”

Desse modo, essa situação possibilitou maior abertura para o surgimento de novos escritores que abordavam a literatura de forma mais intimista e subjetiva, sem, no entanto, abandonar o cenário moçambicano e a perspectiva de mudança, assim como Mia Couto ou ainda escritores que viam esse período com grandes expectativas na cultura e na criação literária:

Os escritores buscavam caminhos inexplorados que se conformassem com a experiência inédita de ser parte e testemunha do nascimento de um país. No entusiasmo febril do cotidiano, germinavam propostas e iniciativas: publicaram-se obras literárias em línguas moçambicanas; mergulhou-se na história reinterpretando-a e desmitificando-a; manejou-se com desenvoltura e ironia a crítica social; ensaiou-se a literatura-testemunho, realista e dura; entrava-se no mundo da tradição e da magia; inventaram-se palavras, afinaram-se ritmos, aprofundou-se o significado dos símbolos: enriqueceu-se a linguagem (CABAÇO, 2013, p. 216).

Com o passar dos anos e outras obras publicadas como *Cronicando* (1988), *Cada homem é uma raça* (1990) e *Terra sonâmbula* (1992), Mia Couto foi consolidando a carreira de escritor inovador e começou a despertar interesse nos leitores de diferentes lugares do mundo.

3. CONSOLIDAÇÃO DA CARREIRA LITERÁRIA

O romance *Terra sonâmbula* (1992) foi eleito um dos melhores romances africanos do século XX, numa votação de representantes do continente na Feira Internacional do Livro de Zimbabwe. O livro, um dos mais conhecidos até hoje, alcançou a 7ª edição em língua portuguesa logo no primeiro ano de lançamento e foi traduzido em várias línguas. Esse romance revela sua qualidade literária, bem como projeta sua carreira de escritor para outros países, dando visibilidade e afirmação às literaturas africanas. E, ainda, abre espaço para novas construções que passam pelas situações ocorridas com a população moçambicana e suas consequências aos habitantes.

Fonseca e Cury (2008), estudiosas da temática do autor, ressaltam que em *Terra Sonâmbula* se privilegia tanto a oralidade quanto a palavra escrita e, pela memória, a escrita pode ressignificar o local de pertença, fatores determinantes para que o sujeito encontre suas origens:

(...) uma escrita transgressora, o diálogo com o universo da oralidade, a palavra escrita ocupando papel de mediação e conservação das tradições e dos rituais das falas. Num mundo que se fragmenta, palco de guerras e deslocamentos, descaracterizações, a palavra escrita assume-se como local privilegiado de conservação e reinvenção da memória. Além disso, ela, escrita, se converte em possibilidade de retomada do espaço de pertença, de um espaço em que o homem possa se reconhecer (FONSECA; CURY, 2008, p. 25).

Corroborando com esse mesmo pensamento, o autor destaca que a escrita é um processo de descoberta. Há necessidade de se repensar numa linguagem que pudesse aproximar e reescrever a história do país:

A escrita não é um veículo para se chegar a uma essência, a uma verdade. A escrita é a viagem interminável. A escrita é a descoberta de outras dimensões, o desvendar de mistérios que estão para além das aparências. [...] Através de uma linguagem reinventada com a participação dos componentes culturais africanos também nós em Angola e Moçambique procurávamos uma arte em que os excluídos pudessem participar da invenção da sua História (COUTO, 2011, p. 116).

Além de se dedicar a profissão de jornalista e biólogo, atualmente desempenha ativamente a função de escritor ficcional. Um escritor multifacetado que não se limita a um único gênero, pois já escreveu livros de poesia, crônica, conto e romance. Ainda tem na lista de livros publicados aqueles direcionados ao público infantojuvenil. Entre os títulos publicados do escritor estão: *Raiz de orvalho* (poesia, 1983), *Vozes anoitecidas* (contos,

1987), *Cada homem é uma raça* (contos, 1990), *Cronicando* (crônicas, 1991), *Terra sonâmbula* (romance, 1992), *Estórias abensonhadas* (contos, 1994), *A varanda do franjipani* (romance, 1996), *Contos do nascer da terra* (contos, 1997), *Vinte e zinco* (romance, 1999), *Raiz de orvalho e outros poemas* (poesia, 1999), *Mar me quer* (narrativa curta, 2000), *O último voo do flamingo* (romance, 2000), *Na berma de nenhuma estrada e outros contos* (contos, 2001), *O gato e o escuro* (conto infantojuvenil, 2001), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (romance, 2002), *O fio das missangas* (contos, 2004), *A chuva pasmada* (conto infantojuvenil, 2004), *Pensatempos. Textos de opinião* (crônicas/ensaios, 2005), *O outro pé da sereia* (romance, 2006), *O beijo da palavrinha* (conto infantojuvenil, 2006), *Idades cidades divindades* (poesia, 2007), *Venenos de deus, remédios do diabo* (romance, 2008), *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções* (crônicas/ensaios, 2009), *Jesusalém ou Antes de nascer o mundo* (romance, 2009), *Pensageiro frequente* (crônicas, 2011), *O pátio das sombras* (conto infantojuvenil, 2010), *Tradutor de chuvas* (poesia, 2011), *A confissão da leoa* (romance, 2012), *A menina sem palavra* (contos, 2013), *Vagas e lumes* (poesia, 2014), *Poemas escolhidos* (poesia, 2016), trilogia *As areias do imperador* que engloba os livros *Mulheres de cinza* (romance, 2015), *Sombras da água* (romance, 2016), *O bebedor de horizontes* (romance, 2018). Com o angolano José Eduardo Agualusa escreveu *O terrorista elegante e outras histórias* (contos, 2019).

A aceitação de seus livros, em especial, nos países de língua portuguesa, ampliou a extensão de sua produção literária e as traduções em outros países. Como evidência disso, ganhou, em 1989, o prêmio anual de jornalismo Areoso Pena, pela Organização de Jornalistas Moçambicanos e, em 1995, o prêmio Nacional de Ficção pela Associação dos Escritores Moçambicanos. Conquistou premiações pelo conjunto de sua obra literária e pelas sucessivas reedições de seus livros, respectivamente, com o prêmio Vergílio Ferreira em 1999 e o prêmio União Latina de Literaturas Românicas em 2007. Recebeu o prêmio Mário António, pela Fundação Calouste Gulbenkian, dado a autores e obras dos países africanos lusófonos em 2000. Em 2002, recebeu o Noma Award, pelo livro *Terra Sonâmbula*, considerado um dos melhores livros da África no século XX. A obra *O outro pé da sereia*, em 2007, ganhou o 5^a prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura pelo melhor romance publicado em língua portuguesa.

Além disso, no Brasil, tornou-se sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, recebendo a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura, em novembro de 2009. Foi contemplado com o prêmio Eduardo Lourenço em 2012. Em 2013, ganhou o Prêmio Camões, considerado uma das premiações mais importantes da literatura em língua portuguesa e que consagra, anualmente, um autor que, pelo conjunto da sua obra, tenha contribuído para promover a literatura e a cultura. Em 2014, conquistou o prêmio Literário Internacional Neustadt, prêmio de literatura bianual promovido pela Universidade de Oklahoma e pela World Literature Today, concedido pelo

conjunto da obra. *O pátio das sombras*, da série “Contos de Moçambique”, obra infantojuvenil, com ilustrações de Malangatana, venceu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil em 2019, na categoria Literatura em Língua Portuguesa.

A partir dessas experiências, vivências e trajetórias o escritor se manifesta e conquista o seu espaço, sem jamais deixar de retratar a história moçambicana. A história aparece expressa em suas narrativas. Além disso, o próprio autor se constitui como parte integrante desse processo, conforme expressa nesta entrevista:

Eu escrevo *Terra sonâmbula* quando a guerra estava a acontecer; eu escrevo *A varanda do frangipani* com o período de transição ainda a acontecer; eu escrevo *O último voo do flamingo* já olhando a guerra e o processo de pacificação à maneira de quem olha para trás. Eu acho que o fazer da História está tão presente, ele próprio é tão ficcional... Nós estamos vivendo em países que se estão escrevendo eles próprios, estão se inventando, estão nascendo e nós estamos nascendo com eles, e não é possível separar uma coisa da outra. E eu sou de tal maneira parte desse processo, desse parto, desse nascimento, que não me vejo existente fora dele, só ali tenho dimensão (COUTO, 2006, p. 229-230).

Com a admiração e a influência da escrita de Guimarães Rosa, Mia Couto se expressa pela criação de neologismos, bem como falas populares recriadas, demonstrando a aproximação com a cultura local. Ainda com sua capacidade imaginativa, utiliza em forma de fábulas, parábolas e alegorias que lhe garantiu destaque no universo literário.

Com a continuidade do seu trabalho e o crescente número de novas publicações, começou a participar de eventos literários e conferências, foi convidado por escolas, universidades, instituições e organizações não governamentais para apresentar suas obras e refletir tanto sobre questões históricas do seu país de origem quanto aspectos globais relacionados à pós-colonização, a formação do sujeito contemporâneo e também sobre a realidade social, cultural e política, o que contribuiu aumentando o alcance de suas obras e conquistando mais leitores. O estudioso Laranjeira (2012) ainda destaca outras características presentes na relação entre obra e leitor e autor e público:

Literatura que cativa muito as leitoras porque a doçura da enunciação e a descrição piedosa dos defeitos humanos e das situações sociais ferem sempre uma nota de ternura e compreensão pelas leviandades da humanidade e o estado calamitoso dos microcosmos narrados. E também porque o escritor, em actos públicos, pelo seu carisma, pela sua afabilidade e serenidade, atrai inevitavelmente grande número de admiradoras, que falam dele como de uma estrela de cinema ou de *rock* (LARANJEIRA, 2012, p. 59-60).

Muito mais que aproximação com a oralidade, Laranjeira (2012) salienta que o autor combina as palavras de forma que a criatividade realce o discurso, sem que isso afete a compreensão, mas que exalte a poeticidade e o lirismo:

Associada à graciosidade da criação de novas palavras, Mia Couto constrói um discurso que, por vezes, leva o leitor a pensar que se trata de pura oralidade. Mas é muito mais do que isso: uma sofisticada maneira de combinar, juntando leveza de percepção e inventividade, as falas quotidianas do povo moçambicano com uma construção gramatical do português que explora as possibilidades eruditas da língua em discurso simples, como se uma mulher do povo expusesse na sua língua modos encantatórios de dizer certas coisas especiais (LARANJEIRA, 2012, p. 59).

Chabal (1994, p. 66) chama o estilo de escrita adotado por Mia Couto como popular, porque se refere a histórias de pessoas comuns em situações cotidianas e também porque a escrita “está alicerçada na linguagem popular do dia-a-dia”, ressaltando que a forma em prosa é a mais apropriada, pois consegue retratar “a realidade multifacetada de um país em construção” com uma rica tradição cultural, como é o caso de Moçambique.

4. MERCADO LITERÁRIO E VARIEDADE TEMÁTICA

Embora o autor escreva para o leitor não africano, visto que os países possuem alto índice de analfabetismo e, com isso, um número reduzido de leitores, é na língua portuguesa que ele se afirma enquanto escritor. Para Noa (2017), apesar do quadro pouco animador, da recessão na produção literária dos últimos anos e de vários obstáculos que a literatura moçambicana enfrenta tais como “um sistema educacional, sobretudo, em nível do ensino básico e secundário, com dificuldade manifesta em promover hábitos e o gosto pela leitura, nas crianças” ou a crescente “proliferação de subprodutos culturais promovidos pela televisão”, sem a devida orientação e referências para a juventude e ainda “a inexistência de uma política nacional do livro” e dificuldades editoriais, são os escritores das décadas de 80 e 90 como Mia Couto e outros apontados pelo pesquisador que “vão mantendo viva a chama da literatura moçambicana”. São esses escritores que continuam a construir suas narrativas e vão ganhando espaço para editarem seus livros na sua língua e, sendo traduzidos em outras línguas, levam Moçambique a locais desconhecidos.

Contraopondo esse posicionamento, Appiah (1997) afirma que há uma apropriação de representações/visões da África que muitos intelectuais utilizam para vender a literatura ao público externo e, diante desses fatos, é possível apontar, em especial, duas causas relacionadas a isso: o alto valor dos livros e o elevado índice de analfabetismo no país continente. Há uma distinção no pós-colonialismo sobre a literatura africana escrita em línguas ocidentais, conforme pontua o autor:

[...] uma intelectualidade comprista: a de um grupo de escritores e pensadores relativamente pequeno, de estilo ocidental e formação

ocidental, que intermedeia, na periferia, o comércio de bens culturais do capitalismo mundial. No Ocidente, eles são conhecidos pela África que oferecem; seus compatriotas os conhecem pelo Ocidente que eles apresentam à África e por uma África que eles inventaram para o mundo, uns para os outros e para a África. (APPIAH, 1997, p. 208).

Diante dessa argumentação, é possível pontuar questões significativas que suscitam várias discussões. Segundo Appiah (1997), esses intelectuais pós-coloniais são dependentes de duas instituições como a universidade africana e os editores e leitores euro-americanos. Porém, é preciso investigar se a literatura de Mia Couto está inserida nesse contexto. Vários fatores também podem ser analisados como o expressivo número de autores africanos que adentraram nas últimas décadas as literaturas em diferentes países, se o trânsito desses autores e dessas narrativas se intensificou com a globalização, se a língua realmente é um fator preponderante de aproximação como no caso das literaturas de língua portuguesa, assim como a aceitação do público leitor, o mercado editorial e o estudo dessas narrativas no meio acadêmico, entre outros.

Porém, essa representação proposta pela literatura de Mia Couto não faz uso de estereótipos para apresentar a África ao Ocidente. Ele fala do seu país, da guerra, dos conflitos, relações familiares e sociais, entre outros. Utiliza a história, a memória e as representações culturais como existem em qualquer civilização. Seria errôneo afirmar que a literatura do autor segue a vertente essencialista, até porque não acredita na busca de uma essência pura. Segundo Rezende (2012), o “entre-lugar” aparece constantemente nas narrativas, ele dialoga com a condição africana e com a europeia, sem negar sua condição mestiça:

Alguns se apressam em encontrar uma essência para aquilo que chamam de “africanidade”. Na aparência eles estão ocupados em encontrar uma raiz para o orgulho de serem africanos. Mas, afinal, eles se assemelham à ideologia colonial. A África não pode ser reduzida a uma identidade simples, fácil de entender e de caber nos compêndios africanistas. O nosso Continente é resultado de diversidades e mestiçagens. Quando falamos em mestiçagens falamos com algum receio, como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos “pura”. Mas não existe pureza quando se fala em espécie humana (COUTO, 2005, p. 61).

No continente africano, a problemática torna-se ainda mais acentuada, pois teve que lidar com a tentativa homogeneizante da cultura dominante, como a imposição da língua do colonizador, processos de assimilação, resistência, exploração e, também, com processos tardios de independências e guerra civil tendo, atualmente, países relegados à condição periférica imposta pela globalização. Agregado a esses fatores, ainda há o entrave sustentado por uma unicidade identitária, desconsiderando a diversidade existente dentro do território. Nessa entrevista, o escritor critica aqueles que defendem a divisão do que é ser africano e o que não é, ou que se afirmam por uma legitimidade da essência africana, pois não há como negar ou desconsiderar a influência do

Ocidente. Embora muitos neguem essa influência, acabam utilizando dessas premissas para justificar suas próprias teorias:

Os mais ferozes defensores do nacionalismo cultural africano estão desenhando casas ao avesso, mas ainda no quadro da arquitectura do Outro, daquilo que chamamos o Ocidente. De pouco vale uma atitude fetichista virada para os costumes, o folclore e as tradições. A dominação cultural inventou grande parte do nosso passado e da tradição africana. Alguns intelectuais africanos, ironicamente, para negarem a Europa acabam abraçando conceitos coloniais europeus (COUTO, 2005, p.62).

Para Mia, então, os africanos deveriam encarar “sem medo a sua pertença ao mundo mestiço” (COUTO, 2005, p. 61) e desconfiar “sim, dos que sugerem cruzadas à procura da pureza ou da autenticidade” (COUTO, 2005, p. 93).

Diante disso, Hall (2005) afirma que as sociedades multiculturais, como no caso da africana pós-colonial, não se constituem como algo novo, mas são bem mais intensas que antigamente, pois as migrações e os deslocamentos dos povos vêm produzindo sociedades étnicas e culturalmente heterogêneas. As razões apontadas para esses movimentos migratórios são muitas, como as guerras, conquistas, colonização, escravidão, desastres naturais, entre outras. O autor elabora suas narrativas dialogando entre as culturas, bem como traz a relação entre tradição e modernidade, sem desconsiderar a hibridização cultural, resultado da mestiçagem ocorrida em África.

Mia Couto, entre tantos temas que se pode evidenciar na sua obra, também explora o papel do escritor, a metalinguagem, o lugar da literatura, a utilização de expressões e epígrafes, tanto com textos ou poemas de outros escritores quanto provérbios e fala de personagens, neologismos, invenções e desconstruções linguísticas, busca pela identidade e reflete sobre os problemas decorrentes da colonização e da situação pós-colonial, assim como evidencia a miscigenação e a pluralidade étnica-cultural do continente:

A (re)criação verbal, com neologismos e inovações sintácticas (que se encontram também no português do Brasil), advém do gozo da língua e de aproveitar o contacto entre várias delas, mas também da necessidade de criar e *relatar* novas realidades rurais e urbanas, numa língua literária que, sendo urbana e cosmopolita, retoma práticas orais com origem no enraizamento da ruralidade (LARANJEIRA, 2001, p. 202).

Diante desse contexto, em meio a tantas guerras e conflitos, foi através da literatura que os discursos, antes apagados ou silenciados da história, pudessem vir à tona e, pelo meio ficcional, os escritores pudessem relatar, denunciar e expor toda a situação vivenciada pelo povo moçambicano:

[...] foi através da palavra literária que a outra versão da história oficial começou a ser contada. Os discursos silenciados pelo poder colonial, imposto por anos, foram combatidos duramente pela literatura. Os escritores utilizaram a língua de seu colonizador como

arma para combater os discursos distorcidos e estereotipados que circulavam sobre a sua sociedade. Primeiramente em jornais e depois em revistas literárias, os intelectuais moçambicanos contaram o outro lado da história que carecia de representação: as mazelas, escravidão, castigos corporais, corrupção, preconceito, entre outros (REZENDE, 2012, p. 40).

Outras características que aparecem na obra de Mia Couto são a distopia, a visão desencantada do período pós-colonial, dicotomias entre tradição/modernidade, local/global, a questão da re(configuração) da identidade, a (re)construção da nação, a natureza que, muitas vezes, é utilizada como forma de transformação ou ressignificação. Inclui em algumas narrativas o sobrenatural, o realismo fantástico, para falar tanto da passagem do tempo quanto para mostrar situações que estão fora do controle humano, exaltando o imaginário em África e evidenciando a cultura e a tradição autóctones.

A todo o momento, ele busca criar e recriar os espaços míticos, descrevendo as mudanças ocorridas interiormente com os próprios personagens nativos ou não, em um lugar que abarca culturas e etnias diferentes. Com a imaginação, o autor consegue alcançar esse propósito, salientando que, na realidade, é essencial essa transformação também em África como um todo. Quanto à criação das personagens, o autor abusa de nomes próprios bastante intencionais para evidenciar suas características, como se desse sentido a própria existência ou para destacar aspectos relacionados à personalidade ou às atitudes. É interessante perceber que os nomes são sempre significativos. E quando alguns não são nomeados, tem um aspecto intencional. Cada uma das personagens constitui-se como peças fundamentais para o desenvolvimento da narrativa. Muitas vezes, o cenário em que estão inseridas e seus conflitos externos e internos são formas que servem tanto para retratar temas relevantes da história africana quanto para refletir sobre questões que envolvem os países que também foram colonizados.

Várias vezes, a literatura de Mia Couto aborda a questão identitária, seja por personagens nativos ou por aqueles que regressam a sua terra natal. Em outras situações, demonstra pela rememoração das personagens as experiências vividas nas lutas pela independência, mostrando, inclusive, o cenário de devastação originado pelos conflitos e guerras ou destacando esse espaço de fronteiras, um “entre-lugar”. Percebe-se também críticas sociais e políticas e a tentativa de reafirmação das tradições e das origens com o contato de outras culturas, evidenciando o processo de hibridização e de tradução cultural, temas estudados por teóricos como Homi Bhabha e Stuart Hall.

Quanto ao mercado literário e às publicações, numa entrevista recente dada a Pedro Hertz, da Livraria Cultura, no Brasil, Mia Couto (2017) expressa que atualmente seus livros são editados quase que simultaneamente em Moçambique, Portugal e Brasil. Possui tradução em mais de 32 línguas e entre as línguas mais traduzidas estão o inglês, o francês e o alemão. Ele explica

que em Moçambique, em função da guerra civil que durou 16 anos, o mercado editorial era bastante precário em publicações, visto que contava com 1 livro por ano e, atualmente, são editados 6 ou 7 livros por mês, sem levar em consideração a área acadêmica. Era impossível pensar em leitores em Moçambique, pois quando chega a independência, a taxa de analfabetismo do país era de 95%. Nos dias atuais, afirma que o público leitor está crescendo, com políticas de incentivo em que as escolas também estão adotando autores moçambicanos como parte do programa. Em Moçambique, 6.000 a 10.000 mil exemplares dos seus livros são editados, o que de fato torna-se um grande avanço. Também relata que muitos jovens estão publicando e, conseqüentemente, aumentando o espectro da literatura moçambicana. Atualmente, o autor reside em Maputo, capital de Moçambique, e continua o trabalho como biólogo. Em 2015, criou a Fundação Fernando Leite Couto, nome de seu pai, com o objetivo de promover as artes, a cultura e a literatura moçambicana.

Segundo Pires Laranjeira (2012), algumas obras viraram filmes e outros textos foram adaptados para o teatro, em Portugal e no Brasil. Em Portugal, Mia Couto é uma figura de destaque e a primeira tiragem de seus livros tem em média 25 mil exemplares. Cada vez mais suas narrativas têm despertado interesse e têm sido estudadas na academia, de modo que sua fortuna crítica não para de crescer, assim como suas obras, publicando, em média, um livro por ano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que, na atualidade, Mia Couto tem se destacado como um dos principais nomes da literatura moçambicana, com uma grande quantidade de publicações e traduções e, principalmente, com aceitação de suas obras pelo público leitor em diversos lugares do mundo. Mesmo que no início tenha enfrentado algumas resistências, conseguiu consolidar sua carreira como um escritor inovador e versátil que transita entre diversos gêneros narrativos com uma variedade ampla de temáticas.

A proposta literária de Mia Couto, ao dar voz aos personagens, possibilita que sejam ouvidas vozes que durante muito tempo em África foram reprimidas pela história, porém, hoje, essas mesmas vozes ganham lugar de destaque na ficção. Conforme evidenciam Fonseca e Cury, “o discurso da história, pois, ficcionalizado, faz emergir os discursos de memórias que foram silenciadas, que permanecem sem registro factual, mas que recebem vida e brilho no espaço da ficção” (2008, p. 41).

Como um autor contemporâneo e inserido nesse universo cultural e social, ele trata de temas relevantes e atuais, tocando, em alguns momentos, na fragilidade e deficiências da reestruturação de um país marcado pela

dominação e pela exclusão. Porém, mesmo dentro desse contexto da crítica pós-colonial, ele contempla tanto questões locais quanto universais, como salientam as pesquisadoras: “profundamente local – moçambicana, africana, do Terceiro Mundo -, profundamente universal – no tratamento dos temas, dos sempre mesclados espaços de produção de cultura” (FONSECA; CURY, 2008, p. 107). Apesar de ser retratado um fato aparentemente local, suas obras não perdem o aspecto universal, pois podem apresentar, em qualquer época ou lugar, temas significativos e as mais variadas manifestações humanas.

Aliando lirismo e sutileza, até mesmo para tratar de temas mais complexos, suas narrativas apresentam também uma linguagem cotidiana, fluida e acessível. Diante dessa multiplicidade revelada por um escritor entre fronteiras, torna-se possível compreender alguns dos fatores expressivos que influenciam tanto a sua trajetória literária quanto colaboram para que suas obras alcancem popularidade, atraindo diferentes públicos e penetrando sutilmente em outros países através da palavra escrita. Cabe ressaltar ainda que este trabalho não engloba toda a fortuna crítica do autor, mas o que foi estudado até o momento, destacando os principais aspectos da sua proposta literária.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 304 p.

BRAÚNA, José Dércio. **Nyumba-kaya: a delicada escrivência da nação moçambicana na obra de Mia Couto**. 2011. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3004>>. Acesso em 8 de jun. de 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395 p.

CABAÇO, José Luis. Uma voz amanhecida. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MÂCEDO, Tania (Org.). **Mia Couto: um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 207-221.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994. 349 p.

COUTO, Mia. **Entrevista com Mia Couto**. Tania Macêdo e Rita Chaves. Revista VEREDAS 7, Porto Alegre, 2006, p. 219-233. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34531/1/Veredas7_artigo17.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em 8 de jun. de 2019.

_____. **E se Obama fosse africano? e outras intervenções**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. 208p.

_____. **Pensatempos**. Lisboa: Caminho, 2005. 157p.

_____. **Entrevista com Mia Couto**. Pedro Herz. Sala de Visita. São Paulo: Livraria Cultura, 2017. 25min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3kH78PiZGPQ>>. Acesso em 8 de jun. de 2019.

FURQUIM, Fabiane M. **O caminho da nação através do rio e do tempo: uma análise de Mia Couto**. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/52952/34861>>. Acesso em 8 de jun. de 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. 102 p.

FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. F. **Mia Couto: espaços ficcionais**. São Paulo: Autêntica, 2008. 136 p.

LARANJEIRA, José Pires. **Mia Couto, o escritor improvável**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/3601>>. Acesso em 8 de jun. de 2019.

_____. Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista de Filologia Românica**, Madrid, Anejo II, 2001, pp. 185-205. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM0101220185A>>. Acesso em 22 de jun. de 2019.

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios**. São Paulo: Kapulana, 2017. 152p.

REZENDE, Luana Raquel da Silva. **Para conhecer um país em construção: Mia Couto e seu olhar para Moçambique**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Rio de Janeiro- RJ, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3004>>. Acesso em 8 de jun. de 2019.